

## Atividade avaliativa 2: Carta à autora – Tópicos de antropologia I

**Discente:** Diego Amorim Goulart – 201904599

**Docente:** Luciana de Oliveira Dias

07/08/2023

...

Goiânia, 07 de agosto de 2023

Querida Luiza Helena de Bairros,

Escrevo essa carta pois recentemente li o seu texto “Nossos Feminismos Revisitados” e achei extremamente bem escrito e de grande importância teórica e política por diferentes motivos. O capítulo é relativamente curto, com 6 páginas ao total, mas se engana qualquer um que comece a ler ele esperando um conteúdo raso e exageradamente simplificado simplesmente pelo número de páginas.

Em alguns parágrafos você conseguiu expressar um panorama geral para a trajetória e evolução do pensamento e de estudos feministas ao longo da história de forma crítica e concisa, abordando e elaborando diferentes correntes feministas que surgiram ao logo dos estudos, lutas, debates e discussões. Com isso tudo culminando no feminismo negro, que tem como uma de suas bases o apontamento de que as categorias raça e gênero não existem separadas e, portanto, não devem ser lutas separadas.

Um dos aspectos que mais chamou a atenção durante a leitura de seu texto é que ele rapidamente, já na sua segunda página, problematizou a noção de natureza feminina que se mantinha sendo aceita e reforçada para tentar definir, de forma universal e universalizante, o que significa ser mulher. Isso aliado também a noção de que experiências ligadas diretamente com o funcionamento de um corpo do sexo feminino seriam um ponto definitivo para definir e unir as mulheres, como a experiência de maternidade.

Essa problematização abre o leque para várias discussões, desde, por exemplo, como a definição biologizante do que é ser mulher cria um estigma que limita a compreensão dessa identidade de gênero para todas as mulheres, mas especialmente para as mulheres trans, que simplesmente problematizam essas conclusões a partir de suas próprias existências e também suas lutas. Mesmo que, atualmente, a noção de que a concepção de que gênero não é determinada por aspectos biológicos ditos “naturais” é e maior consenso do que já foi há anos atrás, ter isso reiterado de forma tão clara em seu texto traz uma importância em si muito grande.

Também vale destacar das diferenciações entre correntes do pensamento feminista, como radical, liberal e socialista, como elaborado por você a partir de Judith Grant. Discussões de dia-a-dia muitas vezes nomeiam

algumas dessas versões, mas em geral, nos tempos muitos debates na internet, nem sempre há espaços ou holofotes para abordagens que deixem claro as diferentes características dessas vertentes.

Algo que achei extremamente interessante é como você pontuou a forma com que “homens negros vivenciam gênero”, o que abre também uma janela para discussões importantes no estudo de gênero no papel das masculinidades e como elas são experienciadas, sempre com gênero e raça sendo colocados em relação. Da mesma forma com que você comenta que duvida que os privilégios inerentes da masculinidade possam ser desfrutados totalmente por homens negros em uma sociedade racista, nessa sociedade, outras questões que atravessam masculinidades, como a expectativa da virilidade, se expressam de formas bem diferentes na divisão racial, como podemos ver, por exemplo, na forma com que corpos de homens negros são objetificados e hiper sexualizados em alguns setores da sociedade, como na mídia do entretenimento.

Passando por essa observação, também elogio muito você ter feito essa elaboração inicial para concluir com um foco total no feminismo negro, que é apresentado por você justamente como “uma das principais expressões da teoria do ponto de vista (standpoint theory).” Isso vinculado ao chamado para incluir as vozes de pessoas que estão além da academia e foram muitas vezes subalternizadas nas discussões sobre raça e gênero. Destacar o papel das empregadas domésticas nesse contexto foi extremamente acertado, afinal elas contam com um certo privilégio de estarem praticamente filtradas no interior de famílias brancas de classe média e classe média alta no Brasil.

Para finalizar, quero resgatar um outro texto de sua autoria, “Lembrando Lélia Gonzalez”, em que você não dispensa elogios para a forma com que Lélia Gonzalez falava, expunha suas ideias e escrevia, usando uma linguagem bem comum e de certa forma leve ao mesmo tempo em que trazia uma carga enorme de conteúdo e densidade para o que ela falava, uma genialidade. Quero dizer que, ao menos ao meu ver, você compartilha muito dessa característica com Lélia. Nossos feminismos revisitados, como já comentei um pouco antes, é um texto relativamente curto, de fácil leitura e compreensão e que traz uma densidade enorme de discussões e abre janelas para diversas pautas extremamente importantes.

Escrevendo a você como um professor em formação, agradeço muito por essa sua forma de escrever, pois me vejo recomendando esse e até outros de seus escritos na íntegra para alunos meus do ensino médio sem ter medo de que eles se espantem com algum tipo de academicismo. Isso é algo também extremamente válido para muitas das obras de Lélia Gonzalez.

Obrigado por tudo, Luiza Bairros, grande abraço.

Ass: Diego Amorim Goulart